

Ebó epistêmico: ArtÉrica — onde o corpo faz passagem

Érica Matos dos Santos

Orientação: Tatiana Deola

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137250>

Introdução

Este *ebó* nasce do encontro entre o corpo, a palavra e o caminho.

É uma oferenda de linguagem que se faz não para explicar o mundo, mas para **destrinchar seus fios**, reconhecer seus nós e devolver ao sensível aquilo que foi silenciado pelo hábito, pela pressa, pela dureza das coisas cotidianas.

Ebó é gesto que limpa, afasta, reordena e acende.

É também memória viva dos povos que, diante da violência, reinventaram modos de existir, de proteger-se e de se curar.

Ao chamar este conjunto de poemas de *ebó*, afirmo que cada palavra aqui é um elemento — erva, água, sopro, barro, vento, ritmo — capazes de abrir passagem para outro modo de sentir o real.

E ao chamá-lo de **epistêmico**^{53 54}, reconheço que o saber não está apenas nos livros nem nos discursos oficiais, mas pulsa no corpo, no terreiro, na respiração contida, na dança que gira, no encontro que atravessa, na mulher que busca sentido e na ancestralidade que responde.

Que esse caminho não ensine, **atravesse**.

Não explique, **movimente**.

Não conclua, **continue**.

Que seja um chamado, um descanso e uma fresta.

Que quem entrar encontre algo que cure, mesmo que de modo imperceptível.

Abertura

Antes do passo, o sopro.

Antes do corpo, a memória.

Toda travessia começa com um chamado.

Toda cura acende uma fresta na pele.

Este é um ebó feito de chão, erva, lágrima, giro e retorno.

⁵³ MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

⁵⁴ LEAL, Abigail Campos. Me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. Cadernos de Subjetividade. v. 1, n. 21, 2020, p. 65-69.

Aqui o corpo é trilha, rito e testemunha — é quem carrega e quem é carregado.
Que ao abrir este caminho, algo em você também se abra.

Contexto e processo metodológico

O presente trabalho, intitulado *EBÓ EPISTÊMICO: ArtÉrica — Onde o corpo faz passagem*, nasce do entrecruzamento entre escrita poética, memória corporal, experiência clínica, ancestralidade e pensamento descolonial^{55 56 57 58}. As poesias que compõem este ebó não foram produzidas a partir de uma lógica literária tradicional ou de um exercício estético desvinculado da vida, mas emergiram como atravessamentos sensíveis de experiências vividas, escutadas e corporificadas ao longo da trajetória acadêmica, profissional e existencial da autora.

A construção deste trabalho parte da compreensão de que o corpo é território de memória, linguagem e produção de saber. Nesse sentido, a escrita poética foi utilizada como ferramenta metodológica capaz de acessar dimensões subjetivas, afetivas e ancestrais frequentemente excluídas dos modelos acadêmicos hegemônicos. Ao escolher a poesia como linguagem central, este trabalho reivindica outras formas de conhecimento, legitimando saberes produzidos pela experiência, pelo sensível, pela oralidade, pela espiritualidade e pelos processos de cura inscritos no corpo.

O termo “ebó” não aparece apenas como metáfora estética, mas como fundamento epistemológico e político. Nas tradições afro-diaspóricas, o ebó é movimento de limpeza, reorganização, proteção e abertura de caminhos. Assim, cada poema foi concebido como elemento ritualístico: palavra-corpo capaz de deslocar silenciamentos, tensionar violências coloniais e produzir passagem para novos modos de sentir, existir e perceber o mundo. O conceito de “epistêmico”, por sua vez, demarca o compromisso desta produção com a valorização de epistemologias outras, especialmente aquelas historicamente marginalizadas pela colonialidade do saber.

⁵⁵ KIFFER, Ana. Limites da escrita ou como fazer da escrita uma plástica poética? ALEA, VOLUME, 10, Nº 2, 2008.

⁵⁶ PEREIRA, José Arnaldo. (2021). Arte expandida decolonial: tensões entre a arte-vida, o corpo, a dramaturgia e as possibilidades de performar a si mesmo. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 143 f.

⁵⁷ MATTOS, Daniela. (2013). Performance como texto, escrita como pele. Tese apresenta a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Psicologia Clínica, sob orientação Dra, Suely Belinha Rolnik.

⁵⁸ BRASILEIRO, Castiel Vitorino. (2021). Tornar-se Imensurável: o mito Negro Brasileiro e as estéticas macumbeiras na Clínica da Efemeridade. Dissertação apresenta a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de mestra em Psicologia Clínica, sob orientação Dra, Suely Belinha Rolnik.

Metodologicamente, este trabalho tanto aproxima-se das perspectivas performativas quanto é autobiográfico. A autora recorreu ao recurso de ficção e da fabulação para construir poesias a partir de fragmentos de memória, sensações corporais, imagens simbólicas, vivências afetivas e referências ancestrais que me atravessaram durante o percurso formativo em Psicologia Descolonial⁵⁹.

A organização da obra em “giros”⁶⁰ também possui intencionalidade metodológica e simbólica. O giro, presente em diferentes tradições afro-brasileiras e cosmologias ancestrais, representa movimento, transformação e continuidade. Cada seção do trabalho corresponde a uma travessia emocional e existencial: o chamado do corpo, a limpeza da terra, o retorno da respiração, o encontro com as ervas, a busca de si, a força do feminino, o corpo que dança e o amor como permanência. Não se trata de uma estrutura linear, mas circular, respeitando a lógica dos processos subjetivos e dos saberes ancestrais que compreendem o tempo como espiral.

Além disso, o processo de escrita ocorreu de forma intuitiva e experiencial, muitas vezes atravessado por estados de forte mobilização emocional e corporal. As palavras surgiram não apenas como elaboração racional, mas como escuta sensível do próprio corpo e das experiências compartilhadas nos encontros clínicos, acadêmicos e comunitários. Dessa forma, a autora compreende a escrita como prática de elaboração, cuidado, resistência e reconstrução subjetiva.

Por fim, este trabalho não pretende oferecer respostas fechadas ou conclusões definitivas. Sua intenção é produzir frestas, deslocamentos e possibilidades de encontro. Mais do que explicar, busca atravessar. Mais do que afirmar verdades, deseja convocar sensações, memórias e movimentos internos. Trata-se de uma escrita que compreende conhecimento não como acúmulo de conceitos, mas como experiência viva capaz de transformar corpos, afetos e modos de existir.

Giro 1 — o chamado do corpo

1. Chamamento

Venha. Se chegue. Não demore.

A vida acontece, menina.

Abre o peito, abre o tempo.

Vem sonhar, encantar com jeito
e deleito.

⁵⁹ HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In: Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento -PPGAC/USP, v. 3.1, 2015.

⁶⁰ CARRASCOSA, Denise. Corpo de vento: Exu da Teoria: travessias crítico-performativas pelas artes negras. Salvador: Edufba, 2024.

Giro 2 — a terra que limpa**2. Cheiro de Terreiro**

Coração arrastado no chão.
O medo acelera,
a alma não aquieta.
Um punhado de ervas na lama,
na cama, em trama.
Faz isso em mim.
Um trago,
um cigarro,
um amasso.
Chocalho!
Reza sem pressa.
Argila por cima,
barato por baixo.
Encaixei.

Giro 3 — o ar que foge e volta**3. Respiração Encurralada**

O ar está preso.
Desce e sobe encurralado.
Busca saídas — não acha.
Desespero.
Desesperança.
De repente, uma lágrima.
Depois outra.
O ar, em pequena porção, escapa.
Desvia para o coração.
Vira pontada, emoção, respiração.
Sai pela boca num sopro corrido, sentido, fugido.
Quer voltar, circular,
existir.
Liberdade é o que ele quer.
Como será?

Giro 4 — as ervas do caminho**4. Amargor e Doçura**

Aqui em casa, vamos tomar amargo:
boldo, babosa, baba.
Os últimos anos têm sido assim — azedos.
Pi pó co
pi, pó, ca...
Doce, Salgada
Sou grata a vocês,
meus internos, externos.



No encontro verdadeiro, algo se conta.
Hoje é Gruta,
Lapa Doce,
Colo de Oxum, Yansã, Oxumarê.
Desci, subi, é lar.
Nasci. Renasci.
Senhor das cobras
mora em mim,
Prazer largo.

Giro 5 — a mulher que se procura

5. Falta

Ela olha no espelho.
Arruma os cabelos, ajeita os lábios, maquia os olhos.
Falta algo.
Não sabe o quê.
Que agonia.
O passado é imperfeito.
Futuro: incerteza.
A vida impõe um presente
que é rotina ao contrário —
massacra a mente.
Como achar sentido
na falta que sente?

Giro 6 — a força que dança

6. Maré Cheia

Tempera a vida, menina.
Usa doses de amorosidade:
palavras, gestos —
safados, discretos, sinceros.
Escorrega onde andar,
circular, reinar sem se apertar.
Dança.
Se solta na certeza da busca.
Urra.
Se livra — a vida empurra.
Sossega:
você tem ajuda.
Pulula.
Se jogue.
Abre os braços.
O céu está em seu enlaço.
Você é maré cheia.
Não perece.
Não fenece.
Menina, voa.
Voa, menina.

Giro 7 — o corpo que roda o mundo

7. Maria em Ventânia

Ela tem uma saia que é constelação.
Barras em cetim brilhante.
Roda, roda, roda.
Balança enfeites em ouro, tem harmonia.
A saia não anda só: ela tem um bustiê elegante
de umbigo à mostra —
furinho sedento, sempre em vigília.
Se vestir, ela quer rodar, em samba:
terreiro, chão grudado,
arrasto, requebro.
Suadeira, pingueira —
água de dentro pra fora.
Maria venta, percorre, circula.
Não arreia.
Apeia.
Sorri.
Rebate.
Lança, relança.
O que ela quer?
Saber. Ser. Entorpecer.
Subir, descer, crescer.
Encantar. Arquitetar com o olhar.
Ventar e rodopiar.
Nunca mais acabar.

Giro 8 — o amor como caminho

8. Despedida Impossível

Como me despedir de você
sem te deixar morrer?
Seus olhos escuros me cercam —
reconhecem, não esquecem.
Te aprumo no meu rumo.
Sou tua, inteira.
Na beira da via que espicha,
você me habita.
Eu enlouqueço:
suas curvas me percorrem.
Subo, desço.
Sua presença assusta,
emuda,
reina.
Se você for,
deixe uma ponta:
a gente se encontra.

Giro 9 — a veia do que sobra

9. Espelho Vivo

Minhas veias são córregos de espelhamento, quanta dor.
Navega por desconhecidos.
Entrega à pele
o que o corpo guarda
em tremor.

Giro 10 — despedida

10. Espelhos Desenterrados

Do olhar que olho, a água jorra.
Uma lembrança me corta inteira.
É saudade de um tempo amanhã.
Vou soltar os fluidos como aprendiz de sábia a abrir caminhos no tempo que é agora.

Ponto de fecho

Aqui termina a travessia, mas o corpo continua andando.
Que se abram caminhos,
limpe o que pesa,
acorde o que dorme,
e faça rodar o que precisa ventar.
Que quem ler, receba —
não a resposta,
mas a passagem, Sempre a ventar!

Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Tornar-se Imensurável: o mito Negro Brasileiro e as estéticas macumbeiras na Clínica da Efemeridade. Dissertação apresenta a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de mestra em Psicologia Clínica, sob orientação da Dra. Suely Belinha Rolnik. 2021.

CARRASCOSA, Denise. Corpo de vento: Exu da Teoria: travessias crítico-performativas pelas artes negras. Salvador: Edufba, 2024.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In: Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento - PPGAC/USP, v. 3.1, 2015.

KIFFER, Ana. Limites da escrita ou como fazer da escrita uma plástica poética? ALEA, VOLUME, 10, Nº 2, 2008.

LEAL, Abigail Campos. Me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. Cadernos de Subjetividade. v. 1, n. 21, 2020, p. 65-69.

MATTOS, Daniela. (2013). Performance como texto, escrita como pele. Tese apresenta a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Psicologia Clínica, sob orientação Dra, Suelly Belinha Rolnik.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

PEREIRA, José Arnaldo. (2021). Arte expandida decolonial: tensões entre a arte-vida, o corpo, a dramaturgia e as possibilidades de performar a si mesmo. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 143 f.